



O COLLEGIO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ASSIGNATURA: 500 RÉIS POR ANNO

© P.^o Hermano Amandio

E' um *grande homem*, verdadeira ironia da natureza que o fez um homem pequeno.

Os multiplos cargos e cuidados annexos, que aguenta sobre os hombros, dâm uma idéa da mais tenaz actividade que em meus dias tenho visto.

Pasma-se da multiplicidade dos seus *munus* e do inexaurivel dos seus esforços; passemos aquelles a rol, annotando á margem o grau destes.

Como membro da Direcção do Collegio, logar que conquistou pelos seus serviços, é o seu braço direito; trabalha com o ardor e afinco dum missionario e bem gloriosa é a sua missão, a de desbravar intelligencias e formar corações.

Como professor, deu brado em Brága a sua erudição e o seu methodo nas provas finais de seus alumnos.

Como prefeito de disciplina, é, posso dize-lo afoutamente, a *alma mater* do Collegio, tal que, se o não houvera de carne e osso seria preciso inventá-lo.

Lida com rapazes ha um horror d'annos; tem o massiço saber da experiencia que vale mais uns *bons quilates* que o ôco saber dos livros.

Allia a serena gravidade paternal a terna affeição maternal.

Vi um dia correrem-lhe as lagrimas em fio, ao contar com a alma enlutada, umas travessuras serias dos alumnos.

É um desvelado vigia, não como espião que esprieta escandalos; mas como protector que previne occasiões de... cair.

E se as exigencias do cargo o obrigam uma vez por outra a ser rispido, serenada a tempestade, é o defensor-nato dos travessos. E' que os alumnos sãm já agora, os seus amores, embora algumas vezes sejam os seus peccados.

Como parochio da Costa, tem o zelo desinteressado dum evangelico pastor d'almas. Di-lo e apregôa-o a geral sympathia com que é acolhido pelos parochianos, e os melhoramentos da Igreja, por elle iniciados e até muitas vezes pagos do seu bolso.

Como *presidente-nato* da Associação, é um digno continuador da obra do P.^o Oliveira. Quando os azares da fortuna obrigavam este a levantar tenda de S. Dámaso, tinha sempre o regaço do P.^o Amandio, prompto para lhe acalentar a *filha dilecta* durante a ausencia.

E á sombra do seu zelo provado e extrema dedicação dormiam os cuidados

do P.^o Oliveira.

E bem felizes lhe correram os annos em que ella foi confiada á sua tutoria; elle amava-a como filha adoptiva e por isso não se poupava a sacrificios para a ver um dia moça e donairoza, ostentando larga copia de benemerencias que sãm a pedra de toque das boas-obras.

E por isso não é de estranhar que *O Collegio*, órgão da Associação, pague o tributo de gratidão ao seu tutor, hoje presidente-nato, incluindo o seu retrato nesta galeria de homens de bem que vai expondo e lhe beije agradecido as mãos por intermedio dum seu membro.



SOBRE TUMULOS

Magestoso, solitario e triste, desenrola-se ante meus olhos o Campo Santo, o mais sagrado dos espaços que é possível delimitar na terra.

Apraz-me sobremodo o meditar sobre estes tumulos, compenetrando-me do nada que sou ante a fria miragem do nada que hei-de ser.

E' singular o aspecto destes logares.

Cobre-os o viço perenne das mais peregrinas flôres, scismam as artes embelezando as sepulturas com os mais poeticos e significativos emblemas que o genio do homem tem sabido inventar.

E' a memoria dos que foram, perpetuada em saudades nos corações dos que ficaram.

São os feridos no mais puro das suas afeições, no mais terno dos seus amores, que illudem a sua dôr illuminando com os esplendores da vida estas moradas escuras, onde umas pedras frias apregõem ás gerações que passam o destino que as espera.

Singular contraste! Triste illusão!

As flôres com seu viço e fragancia ostentam vida e aqui só reina a morte.

Os monumentos que resistem serenos ao passar dos seculos, parecem traduzir a realização de um ideal de gloria e immortalidade, e a eterna algidez dos tumulos a attestar-nos que tudo ha-de ter fim.

Cruel destino!

A unica esperança infallivelmente realizavel, o unico futuro absolutamente certo, é a morte!

Quantas parcelas do coração me não andam dispersas pelos desconfortos destes tumulos, não jazem para sempre debaixo destas pedras geladas.

Coitados! Eu vi-os coroados de rosas, cheios de esperanças, ostentando todos os encantos da primavera da vida, bem longe de prevêr que tão vizinho estivesse o inverno da morte!

E as rosas da vida, as illusões da juventude, os sonhos de gloria, os ideaes de ventura, as esperanças do futuro... expiraram aqui.

De quanto foram e de quanto valeram, que resta?

Hoje... uns ossos mirrados; amanhã... umas cinzas frias; depois... uma sombra aerea, uma imagem ideal, uma lembrança indelevel, uma sandade infinda, uma dôr inconsolavel.

E' negra, é pavorosa esta realidade tremenda!

Cruel destino!

*

* *

Cruel?! Oh! Não.

Cruel é o pungir dos espinhos do soffrimento que de continuo se nos cravam no coração. Cruel, crudelissima, seria a dadiua da vida sem a predestinação para a morte.

E' negra, é pavorosa a ideia da morte.

E', mas quem poderia conformar-se com a existencia sem a certeza infallivel de um termo inevitavel?!

O fraco geme sob a oppressão do forte, e o forte, quanto mais despoticamente o ludibria na sua fraqueza, maiores sêdes de sangue o devoram.

O pobre andrajoso e esqualido, arrojado pela iniquidade da sorte aos horrores da fome e da dôr,

é repellido por aquelles que poderam mitigar-lhe a fome e suavizar-lhe os soffrimentos.

Que impudentissimo insulto cuspido ás faces do infortunio não seria a vida, se esses pobres, extenuados pelas fadigas de uma lucta ingloria, com o peito dilacerado pelo apunhalar acerbo de tantas mil dôres, não houveram a certeza de que um dia lhes ha-de caber em sorte, aqui, sob os cypresses seculares, á sombra da cruz protectora, a campa do eterno repouso.

E' negra, é pavorosa a ideia da morte.

E', mas mais negro e pavoroso é o drama ensanguentado da vida; mais negro e pavoroso é o marulhar confuso deste mar immenso da sociedade em perpetua ebullição de horrores; mais negra e pavorosa é a noite do nosso espirito que arde em desejos infinitos de muita luz, sem que um tenue clarão venha alguma vez illuminar ás trevas da ignorancia, o arfar ancioso do nosso peito devorado por uma sêde insaciavel de muito amor, sem jamais ser satisfeito.

E' negra e pavorosa a ideia da morte.

E', mas eu não queria a vida com todo o seu lugubre cortejo de dôres e contrariedades, sem o lenitivo dessa ideia consoladora, sem essa esperança infallivel.

Por isso apraz-me vir meditar nas solidões do campo santo, chorar sobre os tumulos daquelles que amei, alegrar-me com a certeza de que hemos de tornar a ver-vos, consolar-me com a lembrança de que aqui ao menos hám-de extinguir-se as aspirações do espirito, as sêdes do coração, e que uma pedra fria, rolando sobre o meu peito, o ha-de collocar para sempre ao abrigo das prepotencias do forte, dos insultos do impio e dos baldões da sorte.

S. Dámaso, 10 — 6 — 99.

Custodio Mesquita.



OS MEUS AMORES

Amo a noite de luar,

A noite bella, formosa

Quando o sol bafeja a rosa

E per'las vem semear.

Amo a noite quando a lua

Na terra espargue a luz sua.

Amo a noite negra, escura

Sem lua, estrellas, sem nada,

Natura petrificada

Envolta em densa amargura.

Amo a noite tenebrosa

E acho-a bella, formosa.

Qual a razão deste amor

Ao fulgor e á escuridão?

Arcanos do coração.

Abilio A.

(Ex-alumno).



AUGUSTO RIBEIRO

(Secretario da Associação de S. Luis)

CONFRONTO HISTORICO

(A HENRIQUE MIRANDA)

Meditando um pouco sobre as metamorphoses que tem soffrido o nosso velho e heroico Portugal, julgam muitos attenuar o mal presente com a invocação do passado feliz. Outros chamam decrepito ao povo que outr'ora foi poderoso e valente, que cruzou os mares "nunca dantes navegados," e descobriu continentes inteiramente desconhecidos, que penetrou nessas florestas virgens, habitadas por animais ferocissimos e levou a Civilização e hasteava a Cruz nas plagas inhospitas desses sertões africanos.

Na verdade, se reflectirmos no estado decadente do Portugal d'hoje comparado com a sua epocha esplendorosa de ha quatro séculos, um verdadeiro contraste se nos offerece. Mas a causa deste definhamento consistirá na falta de recursos? — Não, por certo. Desdobrando esse livro sagrado, cujas folhas são outras tantas grinaldas gloriosas desses heroes que levantaram a Patria, essa constellação luminosissima de heroes e de martyres — sim, martyres pela Patria, que se chama *Historia Portuguesa*, vemos aí exemplos de abnegação e patriotismo, dignos de serem imitados nas criticas circumstancias actuais. Fulguram aí esses varões insignes como Affonso Henriques, o ousado e atrevido conquistador; Infante D. Henrique, o iniciador dos descobrimentos, o solitario de Sagres; Alvarez Pereira, o victorioso batalhador de Aljubarrota e Valverde; João das Regras, o prudente conselheiro de D. João I; Vasco da Gama, o eminente descobridor do caminho maritimo para as Indias, o ardido marinheiro; Affonso d'Albuquerque, o invencivel dominador d'Ormuz e Malaca; João Pinto Ribeiro, Filippa de Vilhena, Marianna de Lencastre, heroes do caso sobremaneira memoravel de 1640, e outros e tantissimos outros...

E agora não girará por ventura nas veias dos nossos heroes esse sangue quente e não os animará o calor e o entusiasmo dos portuguezes doutras éras? Sem duvida, que sim. E senão, veja-se esse rasgo de Mousinho em Chaimite e o valor dos nossos soldados em Coolella e Manjacase.

A nossa decadencia provém simplesmente duma apathia quasi geral que vai dominando os nossos animos. Porque, de contrario, com os nossos grandes territorios do Continente negro e com os

dotes gloriosos dos nossos ascendentes, animados e crentes, poderíamos ainda fazer temida a ditosa patria de Camões.

S. Dámaso, 4 — 6 — 99.

Augusto Ribeiro

(alumno).

Anjo perdido

(IMITAÇÃO)

Um dia um anjo inexperto Na arte de bem voar Prolongando o adejo incerto A' terra veiu parar.	A chuva munda e fria Sacudida pelo "Norte," Em sua frente caía. —Pobre anjinho! Cruel sorte!—
--	--

Choroso o pobre do anjinho Valles, montes percorreu Sem encontrar um caminho Que o reconduzisse ao céu.	Depois de tantos rigôres Encontrou uma casinha, Em que uns pobres pescadôres Rezavam a Salvé-Rainha ..
--	---

E o louro anjinho ligeiro
Já sem receio voou,
Seguindo o aereo carreiro,
Que a oração lhe traçou.

Amilcar Barca.

(alumno).

DADIVA INFANTIL ⁽¹⁾

(Do livro *Sonetos e Lyricas*)

Que bello sonho aquelle! Eu conversando estava
Co'as estrellas do céu... Oh, quanto me enlevava
No riso de duas que tinham para mim
Esses pharóis da noite—os astros de marfim!

Do anniversario teu lembrei-me nesse instante,
Solicita exclamando:

"O' lua scintillante,
Que brilhas lá no azul; rainha d'amplidão!
Aquella, a quem eu sagro extremos d'afeição,
E para quem fui sempre o archanjo da alegria,
(Que vívido prazer!) faz annos qualquer dia,
Eu então desejava, ó Lua alvinitente,
Possuir um thesouro e dar-lh'o de presente...
Mas que posso offerter, se nada tenho. ó Lua?!
Eu subtrahir quísera á comitiva tua
Ao menos uma estrella... Oh, quem pudéra tê-la,
Para off'renda gentil, ao menos uma estrella!...
Soberana do espaço! oh, dá-me, por quem és,
Essa mais pequenita—essa que tens aos pés!,"

Tal exorei; e então
Mansamente, transpondo a etherea vastidão,
A lua desce,... desce... e bella em seu fulgor
Depõ, na face minha, um ósculo d'amor.

"O meu exemplo segue (ella me diz contente).
Vai um beijo levar ao anjo sorridente,
Para quem és, na terra, ó dulcíssima criança,
A luz aureoreal de lucida esperança,
E a dadiva infantil ha-de para ella ser
Gratissimo penhor d'affecto e de prazer.."

E nisto despertei...

Lembrada, todavia,
De sonho tão jucundo, eu venho neste dia,
Satisfazendo assim meu intimo desejo,
Trazer o que dar pôde... uma criança: um beijo.

José Maria Ançã.

(1) Offerecida por uma menina a sua prima no dia do seu (desta) anniversario natalicio.

CHRONICA DA QUINZENA

O DIA DE SANTO ANTONIO — Passou, mas deixou de si as mais gratas impressões. Vou fazer uma resenha da festa, deixando para *segundas leituras*, mais minuciosas informações.

Principiou a festa pela commovente cerimonia da primeira communhão; foi ministrada pelo Rev. Bravo e pronunciou uma allocção allusiva o Rev. Amandio; seguiu-se a communhão geral de toda a comunidade.

Depois d'almooço foi-se á tourada-parodia; os amadores apresentaram-se rigorosamente póstos á *tauromachia*; vestidos caprichosos e porte distinto.

Ás 11 e meia principiava a missa cantada. No coro a capella da musica de Sande; ao altar celebrando o Rev. Amandio, acolytando os Rev. Alberto e Faria, servindo de mestre de ceremonias o Rev. Bento Bravo, dignissimo Abade de Co-deços; ao pulpito subiu o Rev. Oliveira, que fez um discurso que lhe reivindica um lugar distinto entre os oradores modernos.

Encanta pela exposição, seduz pela palavra e attráe pela physionomia insinuante.

Após o jantar de gala, a que assistiram alguns hospedes e que correu animado, bem banhado de alegria, houve exercicios de gymnasticos como consta do programma junto. Ganharam os premios: dos grandes, Forte; dos medios, Baithasar; dos pequenos, José Santos. Foram muito palmeados.

A' noite houve sarau e espectáculo como tambem consta do programma, que no proximo numero commentarei.

Eis o programma:

I *Exercicios gymnasticos*. (Concurso a 3 premios) — Trabalhos na barra-fixa, argolas, trapezio, escada, prancha e trampolim.

II *Espectaculo de prestidigitação* — Sortes pelo distinto prestimano JOSÉ AVELINO.

III *Sarau literario-musical* — 1 *Hymno de Santo Antonio* — Orchestra. a) *Abertura da sessão* — Presidente. 2 *De fleur en fleur* (valsa) — Orchestra. b) *Recordação* (allocção) — AMILCAR BARCA. 3 *Cavallaria Rusticana* (tercetto para piano, flauta e violoncello) — MIRANDA, FEIJÓ e ARLINDO. c) *A Lmã de Caridade* (poesia) — FRANQUEIRA. 4 *Má!*... (valsa) ao piano — JOSÉ VIANNA. d) *Glorias portuguezas* (allocção) — LOPES DA CUNHA. 5 *O assobio* (polka) — Grupo d'ocarinas. e) *O ramo da Mestra* (poesia) — JOSÉ BARREIROS. 6 *Dors Bébé* (berceuse para bandolim e piano) — BOTELHO e ARLINDO. f) *Tres virtudes* (allocção) — ALBERTO CRUZ. 7 *Perles et Diamants* (mazurka melódique) ao piano — A. MARTINÓ. g) *O Vestido* (poesia) — OLIVEIRA BASTOS. 8 *Valsa obrigada* a violoncello — Orchestra. h) *O Melro* (poesia) — H. MIRANDA. 9 *Bellas noites* (serenata para bandolins e violões). i) *O Frango* (monologo) — G. ARAUJO. 10 *A Boca do Inferno* (valsa caracteristica) ao piano — ARLINDO MARTINÓ. j) *O progresso* (allocção) — CAUTELA. 11 *Mignonnette* (polka) — Grupo d'ocarinas. k) *O mar* (poesia) — TITO LIVIO. 12 *Hymno de S. Luis* — Orchestra.

HOSPEDES — Entre as gentis damas e cavalheiros que vi no Collegio, recordam-me: Dr. Brito Lima, administrador de Guimarães; Dr. Passos-Vedras, Luís Barreiros e familia, Emilio Mendes, João Miranda, Aguiar, M. Coimbra, D. Maria Oliveira, D. Arminda, D. Magdalena e D. Adelaide (Baptistas), Commendador Luís de Araujo e familia, Cesar de Freitas e familia, etc.

PUBLICAÇÕES — *Sonetos e Lyricas*, pelo Dr. José Maria Ançã. Veiu-nos com as flores da primavera, um ramalhete de poesias, perfumadas, que levam vantagem ás que por aí andam mais sopradas pelo vento do favor publico. Logo ao limiar,

voltada a primeira pagina, sáe-nos de cára a physionomia insinuante do autor com um sorriso a esvoaçar-lhe nos labios, com o qual nos está convidando a entrar e admirar o seu museu de preciosidades poeticas em que se nos revela um temperamento d'artista ao serviço duma alma de crente.

Corre toda a gamma dos sentimentos desde os amavios lyricos do eterno feminino, até ás exaltações mysticas da alma christã. Não é dessas corridas em pello ao Pegaso, que todos contam no cadastro dos seus delictos literarios, são uns soliloquios dum espirito superior, que mereceu a complacencia das musas.

Não é tampouco uma dessas lamurias postizas que tem convertido o côro das musas num grupo de carpideiras, chorando sobre o papel lagrimas de... tinta.

E' um livro que se lê sem se sentir calefrios de quem atravessa uma necropole. Se aqui levanta um grito, ronco d'indignação contra o despotismo, além entoa, repassado d'uncção uma *salvé*.

Palpita alli um coração de patriota e uma alma de crente, e respira-se uma atmospherá de doce bucolismo.

Volta-se a ultima pagina com a mesma saudade com que se despede duma pessoa amiga, cuja convivencia nos encantava e como que nos embalava docemente.

Não posso resistir á tentação de publicar a ultima poesia, que por ser a ultima talvez, foi a que mais grata impressão me deixou. Se não fora uma imagem banal por repetida, diria que é uma chave d'ouro.

E' que a poesia está-lhe na massa do sangue visto ter veia poetica, verseja como qualquer de nós fuma ou passeia.

A aura popular, tão fallaz, vai-lhe fazendo justiça ao laureado poeta, que conseguiu captar as boas-graças de João de Deus. Corra mundo o volume, que bem o merece.

Agradecemos o exemplar offertado.

ERRATAS — Aborrego esta secção, que é salvaterio dos descuidados, mas desta vez não posso deixar de me alistar no numero daquelles. O numero posterior saíu com os *latins* muito estropiados, o que mal se desculpa numa casa de padres; aqui carrega com as culpas a typographia, estranha ao idioma do Lacio. Onde diz *virga ferra*, qualquer imberbe estudantinho do latim lerá *ferrea* e em *extra muros*, quem não estiver ás escuras sobre o sentido do periodo perceberá *intra muros* (portas a dentro do Collegio).

A ORTHOGRAPHIA — Não seja pabulo para criticas nem caso para espantos o systema orthographico adoptado. Como está na indole desta publicação adextrar escritores e acostumar alumnos á *letra redonda*, não parece *exquisitice* nem prurido de novidade, quanto mais pedantismo literario, que se adopte o systema orthographico do ensino official, á parte leves variantes.

Não é a ultima palavra da sciencia, sabe-se, mas é o precursor dum trabalho completo.

